

OKUVITA ACADÉMICA

Huíla - Angola
SADC - PALOP - CPLP
África



Revista Informativa | Huíla-Angola | Edição N° 03 | 2021



MÃO DE DEUS
Lubango -Huíla



- PROPOSTA PARA A NOVA DIVISÃO ADMINISTRATIVA DA HUÍLA
- A LIBERDADE E O NEOCOLONIALISMO NO SÉCULO XXI
- OS JOVENS EMPRESÁRIOS AGRÍCOLAS

FÁBRICA DE ENGARRAFAMENTO DE ÁGUA 'PRECIOSA'

GRUPO 'O REGENTE'

Lubango / Huíla / Angola

+244 923 407 949

+244 923 627 378

aguapreciosa.adm@gmail.com

www.aguapreciosaangola.net



Uma empresa moderna global que busca a excelência, precisa ter o foco nos aspectos sociais, ambientais e economicos.

4 CAIR NUMA EMERGENCIA HOSPITALAR COM FUROS NA CUECA...CUIDEM-SE.

Por Horácio Reis
Jornalista e empresário

5 OS JOVENS EMPRESÁRIOS AGRÍCOLAS

Por Álvaro Rebelo Fernandes
Engenheiro Zootécnico

6 O DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO E INCLUSÃO SOCIAL

Por António Lemos
Empresário, Socolil

8 A FILOSOFIA DESCONSTRUTIVISTA NA ARQUITECTURA

Por José de Sá Lemos
Arquitecto, Universidade Gregório Semedo

9 USO DE MARCADORES CONVERSACIONAIS NA ESCRITA

Por Domingos “Mille” Tavares
Linguista, autor e ambientalista

11 PROPOSTA PARA A NOVA DIVISÃO ADMINISTRATIVA DA HUÍLA

Por Abraão Mulangi
Advogado, Docente Faculdade de Direito de UMN

13 A LIBERDADE E O NEOCOLONIALISMO NO SÉCULO XXI

Por Valdemar F. Ribeiro
Economista, empresário e ambientalista. Fábrica de Água Preciosa

16 MEMÓRIA E ESQUECIMENTO EM CONTEXTO DE PÓS-GUERRA EM ANGOLA

Por Oliveira Adão Miguel
Historiador Instituto Superior Politécnico Independente da Huíla

18 TRANSTORNOS ALIMENTARES NA ADOLESCÊNCIA

Por Abednego Chivinda
Nutricionista

20 OS LUBANGOS PARTE 1

Por Hélio Sozinho
Professor e linguista

21 AS BOAS COISAS LEVAM TEMPO

Por Alê Borge
Profissional de marketing e engenharia de software

EDITORIAL

Por Joaquim Jorge

ENVELHECER

Eu ando a ver duas séries na *Netflix*, refiro-me a *O Método de Kominsky* com *Michael Douglas* e *Alan Arkin* e a *Grace and Frankie* com *Jane Fonda* e *Lily Tomlin*.

O que mais gozo me dá, são os seus diálogos com um humor fascinante e erudito, depois o rirem-se por estarem a ficar velhos.

É uma tristeza envelhecer mas saber envelhecer é uma virtude, temos todos que nos tornar late bloomers, pessoas que despertam tardiamente.

Actualmente, a esperança de vida é notavelmente maior, muitas pessoas depois da reforma têm na sua frente duas décadas ou mais de “vida útil”, não se pode ficar à espera da morte. Existe uma relação directa entre o envelhecimento e a nossa actividade física e mental. Eu falo por mim, estou na casa dos 60 anos e não desisto de jogar futebol e ter sempre a mente em movimento.

Uma pessoa ao reformar-se, ao adoptar uma vida passiva e sedentária, isso faz com que acelere o seu desgaste. A falta de movimento diminui as capacidades do corpo e uma interacção social pobre baixa as nossas capacidades intelectuais.

A inactividade junto à solidão é meio caminho andado para ficar-se velho. Passar o dia a ver televisão, ao telemóvel, sem contactar pessoas, leva ao desleixo e descuido pessoal.

É importante ser “**mais velho**” mas activo, com objectivos na vida e hábitos saudáveis, sem perder toda a energia física e a mental.

Não acredito que a maioria das pessoas reformadas esteja “xexé” e na antecâmara da morte. O conceito de idade está a mudar, o tempo de vida de uma pessoa está em mudança: somos mais tempo jovens e mais tempo adultos, desta forma começamos a ser “velhos” mais tarde e durante mais tempo.

As pessoas para lá dos 75 anos, devem continuar activas, fazer exercícios físicos, ler, viajar, voluntariado, cidadania, cuidar dos netos, e fazer coisas que apreciem.

Eu gostava de morrer com saúde!

Joaquim Jorge
Biólogo
Fundador do Blog “Clube dos Pensadores” em Portugal

Ficha técnica

Propriedade

Editora Digital Preciosa

Editores

Valdemar F. Ribeiro
Estanislau Costa

Revisores

Abílio Lupenha
Mille Tavares

Jornalistas

Antónia Kuzanga
Airtón Kenha
Jandira Ferro

Técnico digital

Caetano Borges

Publicidade

Fábrica de Água Preciosa
Empresa de tintas Neuce
Colégio 123

Endereço

Br. Lage, Lubango, Huíla, Angola
revista.okuvita@gmail.com
valdemarribeiro@yahoo.com.br
+244 923 407 949

Links

www.academiadeautoresda-huila.net
www.academiadoambienteda-huila.net



Por Horácio Reis

CAIR NUMA EMERGÊNCIA HOSPITALAR COM FUROS NA CUECA...CUIDEM-SE



Há dias li uma crônica excelente, como o são sempre as crônicas do Salas Neto, que segundo se diz e escreve por aí, não existem agasalhos à venda nos estabelecimentos da especialidade devido à rotura de stocks, por falta de importações e porque se calhar não é prioritário, na cabeça de alguns pensantes da nossa praça económica. Bom esses devem ter uma gaveta maior que a nossa ou então a cueca já deve ser um passador e a meia só mostra o cano.

Com medo do Covid, os balões de roupa usada, os populares fardos, também deixaram de aportar na nossa banda, não vá por aí aparecer alguns Covids infiltrados nesses balões de roupa usada, se bem que, a importação de roupa de marca ou sem, também pode vir contaminada. Nunca se sabe, pelo que é conveniente desinfectar sempre, seja nova ou a popular fardex...

Mas acreditamos que muito boa gente anda por aí mal de roupa interior porque, nesta altura, pouco ou nada se viaja e os nossos estabelecimentos da especialidade não são muitos e os stocks andam mal.

Falo por mim, que por hábito, quando ando lá fora, aproveito sempre para adequir meia duzia de pacotes de cuecas e igual de meias. Sempre fiz isso e acabei por ter na respectiva gaveta do armário da roupa interior, um bom stock que agora, está chegando ao final.

É má altura para de repente parar num banco de um hospital e sermos despidos.

É que por fora pode estar tudo bonitinho mas por baixo, um buraquito na cueca ou o dedo grande do pé a espreitar na meia... acredito que muitos de nós, eu inclusive, podem de repente apresentar esse quadro quando levados perante uma urgência hospitalar.

Tudo faço para que não aconteça estar a vestir uma cueca ou meia furada e cair no banco do hospital. Cuidem-se vocês também...

Depois, a cueca, na nossa idade, é coisa sem vaidades, sem peneiras. Lá vai o tempo da juventude em que, escolhíamos o bikini/homem da moda, os boxers do momento, com marca, tipo CR7, havia mais cuidado, porque volta e meia de repente surgiam encontros do forum afectuoso, obrigando-nos a estar bem apresentados por baixo, sem buraquinhos na cueca ou na meia. Porque obviamente se isso acontecesse, a noticia podia passar de boca em boca...."Éh pá, queres saber uma: - estive com fulano e tinha a cueca rota e a meia com o dedo grande de fora".

Não podíamos cair na boca de fofoqueiras claro. Se isso acontecia, era notícia bombástica que elas faziam passar célere, qual agência de noticias. Por isso o homem moderno tem todo o cuidado em estar á altura, por fora e por dentro, os que podem, claro.

Porque elas também se cuidavam e cuidam, mais até do que os homens. As que se cuidam naturalmente.

Tempos houve em que, para vestir uma jeans, não se vestia cueca e hoje em dia andam sem meias, de fato e gravata. Moda, óh moda!!!

Muita gente é apanhada desprevenida quando, de repente, o caso acontece, o encontro dá-se e ninguém gosta de mostrar buraco na cueca, na meia, etc... Mas hoje em dia, tudo pode acontecer com as dificuldades que por aí grassam, com os stocks pessoais de roupas interiores baixos e sobretudo de agasalhos próprios para o cacimbo completamente a zero, é preciso ter muito cuidado em não cair numa urgência hospitalar.

Ao sair de casa, verifiquem se a cueca ou a meia está em condições; depois ponham a máscara e reparem bem se não está furada, porque o Covid anda à espreita.

Lavem as mãos muitas vezes com água e sabão e ou álcool em gel. Evitem aglomerados e mantenham um distanciamento confortável. Dessa forma estamos nos cuidando e assim podemos evitar, que por um descuido, coloquemos uma cueca velha remendada ou com furos, bem como meias rotas. Assim, evitamos o ridículo da situação se, por um azar, cairmos num Banco de Urgências de um hospital qualquer. Cuidemo-nos...





Por Álvaro Rebelo Fernandes

DESENVOLVIMENTO DE UMA PECUÁRIA SUSTENTÁVEL NO SUL DE ANGOLA

Os Jovens Empresários Agrícolas

Partindo das premissas, incontornáveis, de que “os jovens são o futuro do amanhã...” e que são o resultado do que “os mais velhos quiserem que eles sejam...”, traz responsabilidades acrescidas ao legado que será para as futuras gerações. Hoje em dia, verifica-se que os jovens apresentam uma predisposição em planear o seu futuro na cidade, e que outros têm o desejo de residir no meio rural, e continuar a trabalhar na cidade. Na verdade a população rural vem diminuindo.

Ao referirmo-nos à agricultura familiar, como meio para a sustentabilidade do espaço rural, deparamo-nos com o fenómeno da sucessão para a continuidade da actividade agrícola, que se torna num problema, contribuindo para que as famílias das zonas rurais sejam cada vez menores, que é o factor principal que leva ao êxodo rural, que conduz à perda de população particularmente dos escalões mais jovens, ao envelhecimento da população, com baixa formação académica e profissional e, ao desemprego elevado dos jovens de uma forma geral.

Em relação à permanência no meio rural, percebe-se que grande parte dos jovens rurais gosta de morar no campo e pretendem dar continuidade à atividade agrícola, mesmo se se formarem profissionalmente em outras áreas querem continuar mantendo relações com o campo e, se não o fazem, é porque não encontram condições favoráveis e dignas de permanência, por uma vida mais tranquila; pelo contato direto com a natureza, pela produção de alimentos para o consumo, mais saudáveis, por mais privacidade; •Flexibilidade quanto aos horários de trabalho; •Mais autonomia; •Ar puro, longe da poluição; •Trabalho autônomo •Qualidade de vida. Por isso é indispensável e urgente a fixação de jovens agricultores nas zonas rurais.

Logo surge a pergunta, como incentivar os jovens a não abandonarem as suas famílias e comunidade local? Claro que será através da formulação de “medidas” e “políticas” visando gerar empreendedorismo e inovação, num território que actualmente apresenta dificuldades de natureza variada para a fixação dos jovens em geral e dos agricultores em particular.

Uma verdadeira política de desenvolvimento rural deve associar a atribuição de meios físicos, materiais e culturais aos jovens, dos quais o mais importante é uma educação e formação de qualidade, que estimule a formulação de projetos inovadores que façam do meio rural, para eles, não uma fatalidade, mas uma opção de vida. Seria interessante, no caso daqueles que pretendem estabelecer-se como agricultores, que a sua implantação fosse acompanhada e mesmo condicionada à elaboração de um projeto técnico consistente e sustentável, cujas chances de afirmação em mercados dinâmicos fossem altas. Mais importante do que a aprendizagem de técnicas agro-pecuárias, neste caso, são os conhecimentos de gestão, contabilidade e funcionamento de mercados.

Para tal e em primeiro lugar devem ser considerados perioritários os jovens que tem vontade de permanecer no meio rural, que tem ligação directa à agricultura e que sejam resilientes.

O principal objectivo, será fundamentalmente contribuir para a formulação de Medidas que incentivem os Jovens a apostar no novo conceito inovador e empreendedor, conduzindo à sua fixação no espaço rural, que deve prever uma série de apoios e medidas que passam por exemplo por:

uma Formação Profissional objectiva, simples, clara e demonstrativa facilmente entendida e aplicada; um Sistema de Incentivos ao Investimento, simples desburocratizado e responsável, que contribua efectivamente para o Apoio à Criação de Postos de Trabalho ocupacionais, rentáveis e sustentáveis; pela atribuição de Prémios de Instalação na actividade agropecuária e no agronegócio, de Fundos Perdidos, de Isenções Fiscais, de Bonificação das Taxas de Juros, da Isenção/Redução do Pagamento de Contribuições à Segurança Social, entre outras medidas.





Por António Lemos

O DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO E A INCLUSÃO SOCIAL

O desenvolvimento económico do país depende, essencialmente, do empenho, do profissionalismo e da disponibilidade da classe empresarial, na resposta que urge dar aos enormes desafios que são colocados nesta fase crucial mas tão difícil que Angola está a viver. O futuro do país e a difícil situação em que vivem os angolanos, exigem das empresas um esforço gigantesco pois delas vai depender os milhares de empregos que é necessário criar para se conseguir resolver uma parte da situação extrema em que vivem muitas famílias, por falta de emprego e de geração de receitas para sua sobrevivência.

As empresas, por sua vez, também não vivem uma situação económica saudável em função do pequeno poder de compra das populações e dos muitos constrangimentos que lhes são impostos no dia a dia da sua actividade.

Não sou um simpatizante fervoroso do ex-presidente do Brasil, Lula da Silva mas concordo, em pleno, quando ele diz: *“coloquem dinheiro no bolso do povo pobre, que ele vai virar consumidor e quando ele virar um consumidor, ele vai fomentar a demanda e os empresários vão investir porque o povo vai comprar mais”*.

Produzir e contribuir para o desenvolvimento económico e para a inclusão social deve ser uma responsabilidade e um dever de cada empresário. Nós sabemos e não recusamos esta responsabilidade. Precisamos de criar muitos e bons empregos para colocar dinheiro no bolso do povo pobre.

Quem conhece os meandros das empresas, sabe o quão difícil é a luta que precisamos travar contra todas as dificuldades e contra quem não olha o desenvolvimento económico de Angola com o mesmo espírito de entrega, de sacrifício e de coragem que anima os empresários.



Enquanto garantes do desenvolvimento económico do país, temos consciência de todas as dificuldades e do esforço que precisamos empreender para não termos de chorar sobre o leite derramado.

Muitas das dificuldades que vivemos obrigam-nos a interrogar de que forma vamos enfrentar os muitos desafios que a concorrência de economias mais fortes e melhor sustentadas nos vão impor, com a entrada do país no mercado comum da região austral do continente africano.

A classe empresarial nacional precisa de apoios. É preciso e é urgente a tomada de medidas muito sérias, de alguma forma corajosa, no sentido de debelar essas dificuldades. Todos sabemos que não vamos ter uma tarefa facilitada no futuro imediato pois as dificuldades são muitas e os obstáculos serão quase intransponíveis.

Precisamos de ser teimosos, pacientes e perseverantes.

Todos conhecemos as vantagens da entrada de Angola no mercado livre da “SADC” pois elas são, por demais, evidentes. Não existem muitas dúvidas quanto a essas vantagens. O país sairá a ganhar mas para podermos enfrentar com normalidade os desafios que ela nos impõe, precisamos de melhorar todo o sistema produtivo que existe e no nosso país, precisamos disciplinar toda a actividade económica com principal destaque para o comércio, precisamos de combater as situações anormais que dificultam o funcionamento das empresas, precisamos de garantir estabilidade para criar confiança, pois as empresas destes países que constituem a SADC e que virão investir no nosso país, há muito que se organizaram e já têm melhores condições, mais experiência empresarial e

e melhores quadros, para além dos muitos apoios que têm dos seus governos para produzir e para se expandirem por outros países.

Os nossos apoios e a nossa organização tardam a acontecer e sem eles tudo se torna mais difícil, porque é difícil produzir, porque é difícil comercializar, porque é difícil exportar, porque é muito difícil gerir e porque é mais fácil importar.

Sem fornecimento normal de energia eléctrica e de água, sem acessos ao interior do país onde, de facto, se produz, sem estradas e pontes que permitam a normal circulação entre províncias, sem acessos ao crédito e juros elevados que os Bancos cobram por um qualquer financiamento, com a burocracia que temos e sem a devida atenção dos órgãos que deveriam apoiar a actividade empresarial, as nossas empresas dificilmente se tornarão competitivas nem terão condições para contribuírem positivamente para o desenvolvimento sustentado da nossa economia e tornar-se-ão presas fáceis das grandes empresas estrangeiras que virão em breve e que, não tenho dúvidas, serão muito bem vindas ao nosso país, para nos ajudarem a alavancar esta economia adormecida.

Mas sem empresários nacionais fortes e competitivos, que garantam empregos e que gerem riqueza, dificilmente conseguiremos ser um país independente. Eu acredito no potencial económico do nosso país, eu sempre acreditei no espírito empreendedor, de luta e de sacrifício dos empresários e dos produtores desta Província mas é preciso apostar muito mais na defesa do ambiente, plantando muitas árvores, que, futuramente, serão uma fonte geradora de riqueza, é preciso apostar muito mais na agricultura familiar, no pequeno comércio e na indústria de transformação rural pois, para além do aumento significativo da produção interna, ela vai criar milhares de empregos e colocar dinheiro no bolso do povo pobre.

Acredito no pensamento positivo de que a esperança é a última a morrer mas tenho a certeza de que se não conseguirmos mudar o actual estado da nossa economia, se não apostarmos no desenvolvimento e na criação de condições de vida no interior mais profundo do país, com ajudas reais e capazes de contribuir para o aumento da produção nacional, se não conseguirmos acompanhar estes pequenos agentes económicos que a partir do interior fazem o desenvolvimento do país, muito dificilmente conseguiremos sair do estado de letargia em que se encontra a nossa economia e a nossa esperança morrerá.





Por José de Sá Lemos

A FILOSOFIA DESCONSTRUTIVISTA NA ARQUITECTURA

**“ A arquitectura deve-nos fazer sentir diferentes, senão, a engenharia já seria suficiente”
(Daniel Libeskind)**

Durante os anos da primeira guerra mundial, vanguardistas russos, conhecidos como construtivistas, defendiam o construtivismo (tese epistemológica que defendia o papel activo do sujeito na criação e modificação das suas representações do objecto de conhecimento. a ideia de que nada a rigor está pronto) romperam com os paradigmas da arquitectura e da composição clássica.

Os seus desenhos ilustravam projectos que desafiavam as normas “geométricas” do mundo da arquitectura, proporcionando um novo ponto de vista crítico e experimental.

As suas formas fantásticas obrigaram as pessoas a repensar os limites da disciplina, abrindo as portas para um novo universo no campo da arquitectura.

No pós-guerra, a Rússia passou por um inevitável e radical período de mudanças e revoluções.

Este contexto sem dúvida influenciou decisivamente a maneira de pensar e conceber a arquitectura.

A partir de então, a arquitectura passou a ser vista como uma forma superior de arte, influenciando e sendo influenciada directamente pela sociedade na qual estava inserida. Por conseguinte, a revolução social resultaria imperitavelmente na revolução da arquitectura.

O termo “desconstrutivismo” apareceu pela primeira vez na década de 80, como uma ideia do filósofo francês Jacques Derrida, (amigo próximo do arquitecto Peter Eisenman), que desenvolveu a ideia de fragmentação estrutural para explorar a assimetria da geometria (claramente inspirada no construtivismo russo) mantendo a



funcionalidade e centralidade do espaço (inspirada pelo modernismo).

O pressuposto, é que a arquitectura é uma linguagem capaz de comunicar um sentido e de ser tratada por métodos da filosofia linguística.

A dialéctica da presença e da ausência, ou do sólido e do vazio, aparece em muitos dos projectos de Eisenman, tanto nos construídos como nos não-construídos.

Tanto Derrida como Eisenman acreditam que o locus (desambiguação necessária) ou o lugar da presença, é arquitectura e a mesma dialéctica da presença e da ausência é encontrada na construção e desconstrução.

De acordo com Derrida, a leitura de textos é melhor realizada quando se está a lidar com estruturas narrativas clássicas.

Qualquer desconstrução arquitectónica requer a existência de um arquétipo de construção particular, uma expectativa convencional fortemente estabelecida sobre o que jogar contra a flexibilidade das formas.

Na arquitectura contemporânea, o desconstrutivismo situa-se em oposição à racionalidade ordenada do modernismo. A sua relação com o pós-modernismo é resolutamente oposta.



A desconstrução assumiu uma postura de confrontação frente à arquitectura e à história arquitectónica, querendo separar e desmontar a arquitectura.

As principais características da arquitectura desconstrutivista, assumidas por arquitectos como Frank Gehry; Zahad Hadid, Peter Eisenman e outros, visam demonstrar as contradições projectuais sem os princípios básicos da arquitectura como o suporte, a proporção, a regularidade etc.. Apresenta uma perspectiva multifocal dado que os projectos desconstrutivistas podem ser apreciados de diferentes pontos de vista ou ângulos.

Usa malhas e rectículas para enfatizar o ambíguo, não natural e contrário à ordem hierárquica.

A torção ou curvatura manifesta-se em triplicata nos helicoides volumétricos, bem como os planos deformados (não paralelos).

As inclinações acentuadas, buscam a instabilidade estrutural ou antigravitacional.

Outra das características marcantes é o conceito e uso do vácuo como elemento arquitectónico e a sua interpretação teológica.

Ou seja, a arquitectura desconstrutivista é ambígua, complexa e contraditória.



Por Domingos Tavares “Mille Tavares”

USO DE MARCADORES CONVERSACIONAIS NA ESCRITA

Marcadores Conversacionais ou ainda marcadores Linguísticos são fenómenos que ocorrem na linguagem oral, em situações face a face entre interlocutores. Autores como Galembeck, Urbano e Carvalho encaram marcadores conversacionais como unidades típicas da fala, doptadas de grande frequência, recorrência, conversacionalidade, idiomaticidade e significação discursiva-interaccional. Também contribuem para a construção e assunção da coesão ao texto oral, normalmente facilitando a compreensão por parte do interlocutor (quem nos ouve).

O uso de marcadores conversacionais em textos escritos, constitui desvios à norma da língua.

Portanto, é importante que o falante tenha presente esses aspectos. Precisa-se aclarar que os marcadores conversacionais têm um caracter multifuncional pois operam como organizadores da interacção e dos articuladores de textos.

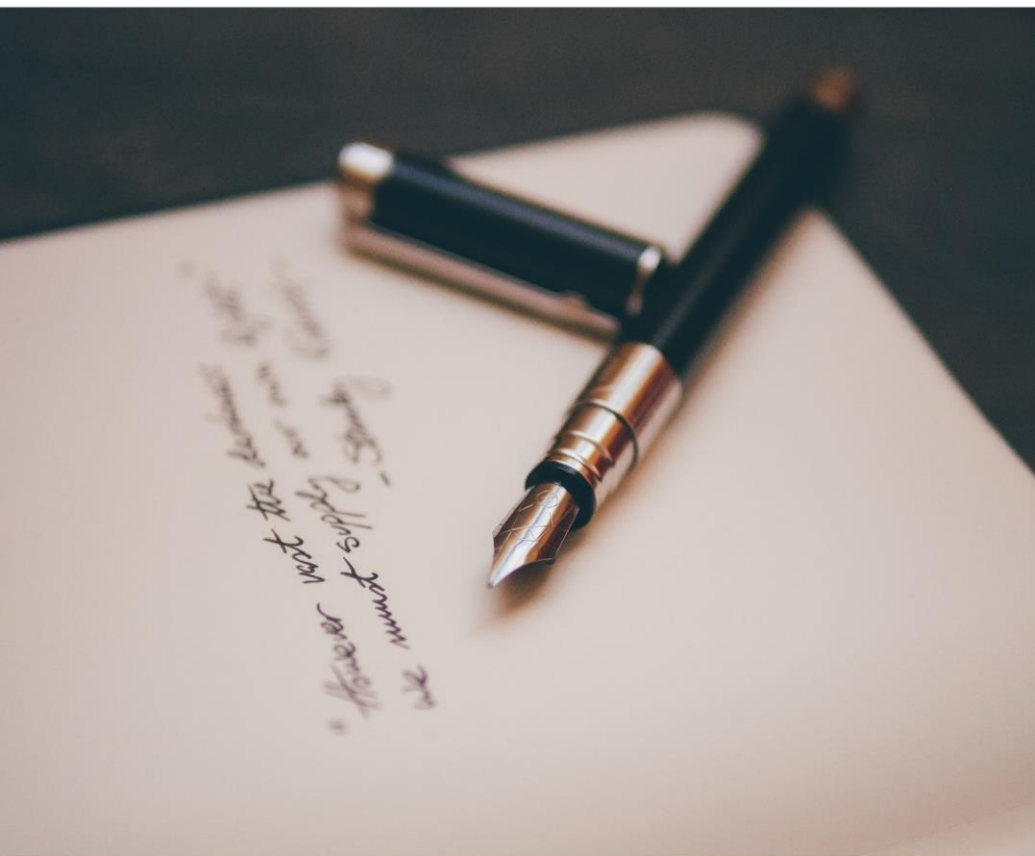
Há, no entanto, uma classificação de marcadores conversacionais, composta por início, meio e fim.

No início inclui expressões como: acho que, não, não é assim, mas.

Classificação média, que faz inclusão de elementos como: né?, sabe?, entende?, digamos.

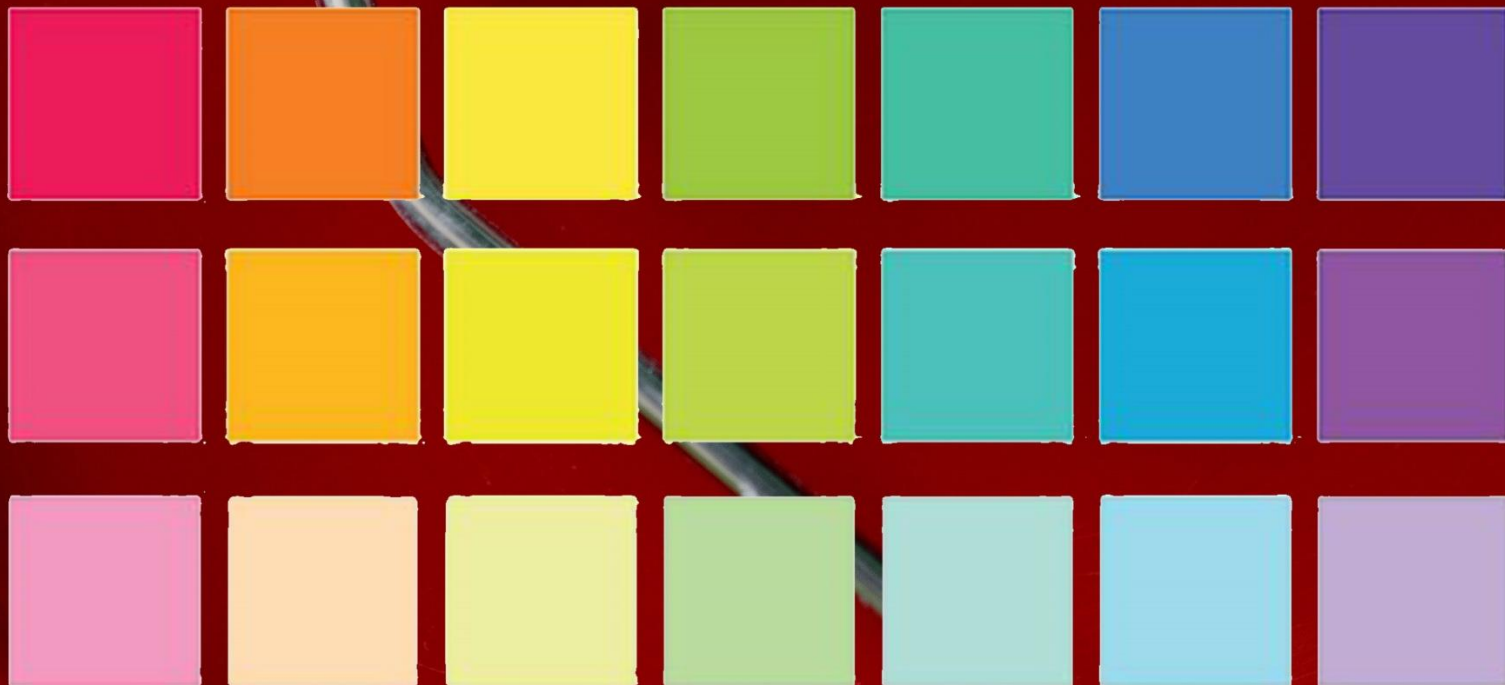
Finais: né?, não é?, entendeu?, perguntas directas como se estivesse a dialogar oralmente.

Os marcadores conversacionais prefaciam opiniões. O uso da expressão “ái” indica o uso de um marcador conversacional, esse é um marcador normalmente utilizado para marcar a continuidade do que se está a narrar, algo que é depreciado na linguagem escrita. É frequente na linguagem dialogada e serve para indicar que aquele que fala (falante) se terá lembrado de alguma coisa.





O GRUPO NEUCE é constituído por um conjunto de empresas que se dedicam ao fabrico e comercialização de Tintas, Vernizes, Diluentes, Revestimentos, Produtos e Sistemas de Impermeabilização, Isolamento Térmico e produtos afins.



NEUCE ANGOLA

Pólo Industrial de Viana
Apartado N°34, Viana
T: (+244) 926 400 794/5
neuceangola@neuce.pt



Por Abraão Mulangi

PROPOSTA PARA A NOVA DIVISÃO ADMINISTRATIVA DA HUÍLA



A comunicação feita pelo Chefe de Estado, respeitante à criação de novas províncias, despertou uma especial atenção sobre o assunto, principalmente para aqueles que, de uma maneira ou de outra, já haviam verificado os desajustes da divisão vigente.

Partindo de uma interpretação extensiva da mesma, abre-se uma janela para que tal pretensão não se cinja apenas às cinco províncias enumeradas, mas que se estenda a outras com situações similares, ou, em alguns casos, mais gritantes, como é o caso da Província da Huíla.

Acreditamos, e por ser propósito disso, a criação de “uma gestão mais justa e equilibrada, maior aproximação das entidades aos cidadãos”, que o critério da nova administração não se norteará apenas pelos aspectos ligados à dimensão territorial das actuais províncias, mas sobretudo, ou acrescentando a este, os aspectos demográficos, étnicos que nunca foram tidos, pelo sistema colonial herdado.

A Huíla, pela sua extensão, densidade populacional e pelo seu mosaico étnico, merece uma administração ajustada à sua realidade, o presente projecto assenta nos aspectos históricos, demográficos, territoriais e étnicos.

ASPECTOS HISTÓRICOS

A actual divisão política administrativa do país não se configurou sempre como hoje se apresenta.

Razões de vária ordem, fizeram com que tal divisão fosse ajustada aos ditames que os diversos momentos político-administrativos e diversos desafios foram exigindo.

Para não se ser muito exaustivo faremos incursão a alguns momentos históricos das divisões administrativas ocorridos a partir de meados do século XIX, no então território português e outras alterações ocorridas após a independência.

PERÍODO COLONIAL

Em 1861, a Angola, então portuguesa, compunha-se de 5 distritos (designação na época do que hoje são províncias) nomeadamente: Luanda, Moçamedes, Benguela, Ambriz e Golungo Alto.

Em 1918, a Província de Angola passou a dividir-se em 10 distritos administrativos.

Em 1925 Angola ficou dividida em 14 distritos, mas face às dificuldades financeiras que se atravessavam e como medida de compressão das despesas, foi revista a divisão administrativa, passando Angola a ter apenas 8

distritos. (2)

No caso concreto da província da Huíla, os territórios que constituem os municípios de Caconda, Caluquembe, Chicomba, Quilengues e Cacula não integravam a Huíla. Estavam integrados no então distrito de Benguela até aos anos 30 do século XX, onde Caconda e Quilengues faziam parte dos 5 conselhos daquele distrito. Foi justamente na década dos anos 30 daquele século que foram integrados no recém-criado distrito da Huíla.

Por outro lado, e, em relação aos actuais municípios do leste da Huíla, nomeadamente Jamba, Kuvango e Chipindo, já existia, na época colonial, um projecto de criação de um distrito, ao qual se pretendia dar o nome de “distrito dos Ganguelas” que só não foi materializado, devido às alterações políticas de 1975.

A estrutura administrativa herdada do sistema colonial em 1975, era de 16 províncias. Naquela época, a população angolana era de 5.000.000 de habitantes.

Decorridos que foram 45 anos, a população aumentou 6 vezes mais, isto é, é actualmente de 30.000.000 habitantes.

Só por este facto, urge mesmo a necessidade de reajustar o sistema administrativo às exigências que o momento exige.

No caso concreto da Huíla, esta integrava até 1901 o distrito de Moçamedes, que para além da Huíla e Moçamedes se estendia e integrava também o que é hoje a Província do Cunene.

Porém, até à década de 30 do século passado, e como o dissemos, os actuais municípios do norte da Huíla, nomeadamente Quilengues e Caconda não integravam o distrito da Huíla. Eram conselhos do distrito de Benguela. Os municípios de Caluquembe e de Chicomba eram na época, Postos Administrativos do então Conselho de Caconda.

O distrito do Cunene, por sua vez, veio a ser criado em 1970, desmembrando-se, desta forma, do distrito da Huíla.

PERIODO PÓS-INDEPENDÊNCIA

Após a independência nacional, assistiu-se de igual forma à criação da província do Bengo, desmembrada da província de Luanda e o desmembramento das Lundas em Lunda Norte e Lunda Sul.

ASPECTOS DEMOGRÁFICOS

Antes de nos preocuparmos com os factores de extensão territorial para a propositura de novas divisões administrativas, e, sem desprimor das mesmas, visto que quanto mais próximas estiverem as populações dos centros de decisão dos seus destinos melhor será a interacção entre dirigentes e governados, deve constituir prioridade o factor e a densidade populacional, apesar de, no caso da Huíla, a mesma integrar os dois quesitos: população e território concomitantemente.

A província da Huíla, é, depois de Luanda a mais populosa. O censo populacional de 2014 indicava um total de 2.700.000 de habitantes. De acordo aquele censo, e com base em seu diagnóstico, calcula-se que hoje a Huíla tenha mais de 3.000.000 de almas.

A região setentrional da província da Huíla que compreende os municípios de Caconda, Caluquembe, Chicomba, Quilengues e Cacula é densamente povoada, e todas infra-estruturas ali existentes não suportam a enorme demanda dos habitantes da região a todos os níveis.

Estes cinco municípios têm uma população superior a das províncias do Bengo, e Kwanza Norte juntas. Têm mais população comparadas, de forma isolada, às províncias do Namibe, Moxico, Kwanza Norte, Bengo e Lunda Sul.

Daí, surge a pergunta à qual urge responder: “qual a fatia do OGE cabimentada para esta região? Quantas escolas, hospitais, maternidades existem e quantos são necessários? Para quando a electrificação e água potável para essa região? Ou ainda, a seguinte questão: “que orçamento se destina à Huíla no seu todo em função destes indicativos?”.

Para esta região, isto é, Caluquembe, Caconda, Chicomba, Quilengues e Cacula, o seu desenvolvimento passa, necessariamente pela existência de uma província autónoma.

Do mesmo modo a região do leste, isto é, Jamba, Kuvango, Chipindo e Matala, distantes que se encontram dos centros de decisão, precisam desta autonomia para alavancar o seu desenvolvimento, numa fase inicial, virado para a indústria de extracção mineira (ouro no Chipindo e ferro na Jamba e para a agricultura nos mesmos e nos demais uma vez que são

todos eles, potencialmente rica em água e terras férteis.

ASPECTOS GEOGRÁFICOS

A Huíla tem uma extensão de 75.000 km² superior aos territórios de Cabinda, Zaire e Kwanza Norte que juntos perfazem 64.286 km².

Os municípios situados a leste, nomeadamente o Kuvango, Chipindo e Jamba ficam deveras distantes da capital provincial Lubango, a uma média de 300 kms do centro de decisões da província, e, no caso de Chipindo a mais de 400 Kms.

A esta distância acresce-se ainda o péssimo estado técnico das vias de acesso.

Apesar de ser uma região riquíssima em minérios e com uma rede hidrográfica invejável para a prática da agricultura, tem suas populações a viver penúria permanente.

ASPECTOS ÉTNICOS

Por fim, e não menos importante, a existência de um mosaico étnico muito diversificado das populações da Huíla.

A convivência destes grupos, nomeadamente os Nhaneka-Humbe, Ganguela e Ovimbundu não tem sido tão pacífica como aparentemente parece.

Existem muitas fricções e intolerâncias que são muitas vezes abafadas, não pelo facto de todos se acharem devidamente acomodados, mas pelo facto de se temer que abordá-las poderá causar males maiores.

Contundo em muitos momentos é visível o espírito de exclusão, desigualdade e assimetrias feitas, não em função das qualidades das pessoas, mas devido à sua origem ou pertença a este ou aquele grupo étnico.

Apesar de as divisões étnicas por regiões não serem tão lineares e existirem algumas áreas em que há misturas de grupos, ou mesmo de miscigenação, as soluções para sua acomodação seriam mais fáceis de se acharem em espaços mais restritos.

A criação das três (3) províncias que propomos daria não apenas a possibilidade de cada um dos grupos participar na gestão dos seus destinos, como também uma forma de buscar a harmonia, igualdade e a paz social.

Existem regiões na Huíla que não têm um único representante legal nos órgãos de soberania, que possam ser os porta-vozes de suas preocupações, aspirações e/ou anseios.

A existência das três (3) províncias em função das razões discernidas, permitiriam uma participação de todos no processo histórico da construção país, e, reduziria ou, quiçá, eliminaria as exclusões, as desigualdades e assimetrias a que muitos

destes territórios estão sujeitos no sistema actual, e sobretudo permitiriam um desenvolvimento económico e social da região.

Num contexto como o nosso, e, aliás de toda a África sub-subsariana, onde a criação dos estados foi feita ou imposta pelas potências colonizadoras sem consentimento dos seus habitantes, esta seria uma forma que permitira, mesmo que em pouca escala, o exercício da soberania destas populações que integram os estados africanos hodiernos, onde Angola não constitui excepção.

PROPOSTA

Para a Huíla, e tomando em conta o quadro e os aspectos referidos, a actual Huíla devia ser desmembrada em três novas províncias, com a seguinte composição:

a) **Província da Huíla:** constituída pelos seguintes municípios: Lubango, a capital, Humpata, Chibia, Gambos e Quipungo.

b) **Província de Caluquembe:** constituída pelos municípios de Caluquembe, Caconda, Quilengues, Chicomba e Cacula. Para sede desta província propõe-se a localidade de **Vila Branca**, em Caluquembe. Propomos esta localidade, apesar de não ter uma estrutura para o efeito, por ter potenciais condições para se erguer uma cidade de raiz, concretamente um rio grande com central hidroeléctrica.

Caluquembe é o nome proposto para designar a província, pelo facto de estar no centro dos demais municípios, fazendo limite com todos eles.

c) **Província da Jamba:** constituída pelos municípios de Jamba (a capital), Kuvango, Chipindo e Matala. No período colonial já esteve projectada a criação de um distrito neste espaço, com a designação de “distrito dos Ganguelas”.

A escolha dos nomes para as novas províncias bem como a indicação das sedes provinciais obedeceu ao seguinte:

Para a província do Caluquembe, por ser este onde se situa a sede e por se situar ao centro dos restantes municípios, fazendo fronteira com todos eles; Jamba, pelo facto de ser o município que confina com os demais propostos.

Em relação às sedes, o critério foi o de ter a capital o mais equidistante possível das sedes dos municípios que integram a província.



Por Valdemar F. Ribeiro

A LIBERDADE E O NEOCOLONIALISMO NO SÉCULO XXI

SER OU NÃO SER

Estamos no século XXI. Ser livre, neste planeta Terra, ninguém é completamente, por mais que pense que é pois na realidade somos apenas parte num todo, somos sim um colectivo humano inserido em outros colectivos animais, vegetais e minerais, essa é a realidade dos factos comprovados pela ciência mas vivemos muitas vezes na ilusão de que comandamos totalmente nossos actos e nossas vidas e até a vida dos outros, pura ilusão de quem de si se acha bastante pois apenas percepção o horizonte sentado à varanda de seu quintal.

Os indivíduos ou o colectivo humano não podem sobreviver sozinhos no planeta sem estarem inseridos, interagindo, na companhia de outras espécies pois não conseguiriam um viver físico e espiritual harmonioso, equilibrado e não infeliz.

OS "AUSTRALOPITHECUS"

Para haver um entendimento mais profundo da mensagem contida neste ensaio, é muito importante que, aqui e agora, se faça uma reflexão antropológica ampla sobre quem foram os primeiros colonos planetários pois a sociedade humana, os primeiros hominídeos, desenvolveu-se, segundo a ciência e comprovado através do DNA global humano, na região da África Austral, os chamados "Australopithecus", visto que esta região planetária era muito sustentável em alimentos, as savanas eram frondosas e abundantes em frutos e plantas medicinais, os mares eram ricos em peixe, haviam muitos rios, o clima era excepcional, as terras muito férteis, etc. e são lógicas estas teorias científicas já comprovadas.

Os seres humanos originais, os "Australopithecus", conseguiram sobreviver sem muitas dificuldades e à medida que aumentavam em número, a natureza era uma mãe abençoada e benigna, foram



espalhando-se por África, pela Ásia, América, Europa e Oceania e foi natural essa expansão pois os seres humanos são curiosos por instinto e muitas vezes são "obrigados" a desafios. a construir e a palmilhar caminhos novos.

Os primeiros humanos eram naturalmente escuros de pele pois o clima nesta região Austral assim o exigia visto ser esta cor de pele a que melhor se adapta aos climas quentes e a seus raios solares, é mais resistente e forte, e pode-se afirmar com total realza que os primeiros humanos a colonizarem o planeta Terra foram os povos negros da África Austral e isso deve ser um motivo de orgulho e de satisfação para os descendentes mais directos desses primeiros povos e de respeito por parte de todos os outros povos pois a raça humana desenvolveu-se a partir daí.

Com o início da colonização planetária pelos

povos Australopithecus, em função dos diversos climas e diversos ambientes, naturalmente estes colonizadores do planeta adquiriram características físicas diferentes, na pele, no rosto, no cabelo, na altura, no falar, na cultura de cada um, em geral.

Com o desenvolvimento dos humanos aparentemente diferentes, interiormente são todos semelhantes, nos cinco continentes, apenas com características físicas e culturais diversas, estes povos, na sua luta pela sobrevivência diária, tentavam impor-se uns aos outros e até escravizando os outros para seu próprio benefício pois consideravam os outros como seres não iguais e ainda hoje assim acontece em muitos lugares do planeta, demonstrando esta atitude um menor desenvolvimento intelectual humano e um patamar cultural pouco elevado.

Foi natural este caminhar humano pois os

seres vivos, ao nascerem, não se apresentam com um intelecto muito desenvolvido mas têm um potencial elevado para um desenvolvimento mental à medida em que fisicamente vão crescendo equilibradamente, adquirindo e acumulando mentalmente as experiências das suas próprias vidas e das vidas dos que os antecederam, desde que tenham uma boa alimentação diversificada e estejam inseridos numa cultura colectiva minimamente harmónica e desenvolvida.

AS INVASÕES COLONIAIS EM ÁFRICA

Os colonizadores portugueses antes do século XV, viajando nas suas caravelas e com suas armas de ferro e pólvora, tecnologias marítimas e militares desenvolvidas anteriormente na Ásia e levadas para a Europa por viajantes, chegaram à costa africana mais ao sul e aportaram nas suas belas praias e já tinham o conhecimento de que a escravatura, praticada desde há muitos anos em regiões da América, da Ásia, da Europa, etc., era um modo de vida económico rentável pois o humano escravo era também uma máquina de produção a ser explorada ao máximo para benefício económico de seu proprietário e, na visão destes escravagistas, consideravam que alguns humanos são superiores aos outros.

Os povos colonizadores ao aportarem nas praias, mesmo tendo armas de fogo, certamente encontraram resistências nesse contacto com os povos africanos que eram em número muito superior ao seu e provavelmente os invasores não arriscaram de imediato uma entrada nestes territórios invasão pois corriam também risco de morte.

Por isso, deve ter havido muita cautela nessa aproximação física arriscada pois eram povos “estranhos” uns aos outros e logicamente pode-se concluir que a aproximação teve de passar também pela concordância e autorização dos “chefes tribais” ou seus representantes, após uma troca de informações, presentes ou valores económicos como se fez na Amazónia, Brasil, na aproximação com os povos índios no século XX..

Estes colonos invadiram os povos africanos autóctones utilizando-se da força militar mas também, quando encontraram muitas resistências, devem ter desenvolvido esforços “diplomáticos” para convencerem os chefes tribais e seus representantes e obterem seu consentimento nesta invasão e foi assim, que milhares de africanos foram presos, arrastados e embarcados para a América, longe de suas famílias.

Os colonizadores vieram com seus modos de vida económicos diferentes, errados muitas vezes, escravizadores, extremamente consumistas pois seu intuito era o ganho fácil,

rápido e ganancioso, não vieram para um encontro e trocas culturais nem raciais, respeitando os valores culturais intrínsecos a cada um.

A estes povos africanos foi imposta, pela força do magote, uma economia vinda do exterior, estranha e até errada. Estas sociedades humanas viviam em suas regiões, nas suas terras, de forma natural e com seus próprios modelos económicos e, se não fossem estas invasões coloniais, certamente ainda hoje estas nações autóctones poderiam estar a beneficiarem-se de uma economia consubstanciada na sua cultura milenar equilibrada e suas famílias, tanto as que ficaram como as que foram deportadas, não teriam sido desmanteladas e destruídas.

Esta chegada colonial não trouxe benefícios sociais, ambientais e económicos aos povos que viviam nas suas regiões naturais, de uma forma geral, e alterou substancialmente seu “modus vivendi” pois viviam em grupos tribais, com uma cultura ancestral bem adaptada, tranquilamente, e utilizavam-se da natureza de forma correcta e tinham uma subsistência farta e não infeliz, pode-se deduzir.

Eram povos de boa aparência, saudáveis, normalmente em paz nas suas regiões pois as terras eram férteis, são até hoje, imensas, belas savanas e as populações não eram numerosas, o que lhes permitia não terem necessidade de lutar pela posse de suas terras, e como dizia o poeta Camões, português deportado pelos seus pares para África e numa atitude cultural de maior respeito pelas outras culturas pois tinha uma visão mais ampla sobre o mundo, “eram belas terras semeadas de Ninfas e amores”.

O correcto é cada povo desenvolver os seus próprios meios sociais e económicos, à sua maneira e se, com a globalização, acharem por bem alterar seus modos de vidas económicos, sociais e ambientais, é uma escolha própria e teriam tempo para reflectir e se adaptarem aos novos valores. O certo é que ninguém tem o direito de invadir a casa alheia.

A LIBERDADE E O NEOCOLONIALISMO

No século XX, em Angola e no mundo, muitos cidadãos, a maioria deles “mais velhos”, morreram em defesa de sua identidade própria, na luta pela sua suposta liberdade e pela independência dos territórios ao qual pertenciam desde há muito tempo e agora construindo novas nações.

Não foi fácil a estes cidadãos “mais velhos”, na altura muitos eram jovens, assumirem uma luta pessoal e nacional como também foi uma decisão difícil irem para as matas em defesa destes ideais

independentistas e sabendo que a vida nesta luta seria muito complicada em todos os sentidos, incluindo o afastamento de suas próprias famílias e deixando estas muitas vezes à sua sorte. Estes guerreiros puseram em risco sua vida e de sua família, muitas vezes.

Estes “mais velhos”, avós muitos deles, tiveram muita coragem para desenvolverem “per si” esta consciência profunda sobre quem eram e o que pretendiam ser, eles, os seus filhos e netos e sua nova nação, pois era mais fácil e seguro nada fazerem, ficarem amorfos, naquela época de 1950, meados do século XX, onde o acesso à informação não era democrático como hoje, nem “on line”.

Estes “mais velhos” tinham de ser muito fortes, mental e fisicamente, para decidirem “ir prá mata” lutar pela sua dignidade e de sua família e sabendo que a morte era um dos riscos mais evidentes mas estas dificuldades motivaram ainda mais estes guerreiros de ontem, avós, e como resultado dessa luta individual e colectiva, Angola em 1975 transformou-se numa nação independente e inseriu-se num mundo global com seus próprios pés.

Apesar da luta pela independência das novas nações africanas, as sementes do colonialismo não desapareceram de todo e basta um olhar mais atento, profundo e isento pelas sociedades humanas globais actuais.

Angola e as novas nações, após as independências, conseguiram expurgar uma parte dos “colonialistas europeus”, pessoas diversas que representavam este sistema, mas muitos dos modelos coloniais económicos, sociais e ambientais, alguns bem estruturados e adaptados e outros não, por diversas razões continuaram mas é necessário uma análise sociológica mais cuidada para aprofundar esta questão e identificar seus pormenores e suas razões de sobrevivência forçada ou não.

Agora, nesta nova era, neste século XXI, vieram e continuam a vir neocolonizadores, pessoas diversas e diferentes que representam seus países de origem e que buscam explorar outros povos em seu próprio e exclusivo proveito, exploradores que, nestes países para onde emigram, impõem seus modos de vida particular, agressivos, radicais, e muitas vezes fora da lei, invadindo e extorquindo os incautos mas muitos desses neocolonizadores são protegidos por cidadãos nacionais.

Ou seja, estes novos países lutaram tanto contra um colonizador e venceram mas agora têm de enfrentar diversos e diferentes neocolonizadores com seus próprios modelos nacionalistas e os povos originais tornam-se cada vez mais invisíveis na sua economia e até na política e até aceitam serem subalternos pois a visibilidade é de quem domina

economicamente e, muitas vezes, descumprindo a lei. É necessário observar que esta mesma situação está a acontecer em muitos países, incluindo europeus.

Após estes mais de quinhentos anos de exploração e abuso colonial, com resultados extremamente nefastos para as nações africanas e em particular a angolana, como resultado deste neocolonialismo diverso e diferente, milhares e milhares de crianças, jovens e “mais velhos” que até lutaram pela suposta independência de seu país, deambulam pelas ruas das cidades de Angola, nos bairros, de dia, e de noite dormem nas soleiras das casas e das pensões, agasalhados por um pedaço de cartão, à chuva e ao frio a molhar, batendo às portas dos carros na esperança de um pedaço de pão, muitas vezes vasculhando os tambores de lixo e lixeiras humanas à procura de seus sustento, muitos deles indo parar nos cemitérios, num país de potencial económico extremamente elevado.

Quando se estacionam os carros nas ruas destas cidades de hoje, nesta África, o normal é aparecerem dezenas de crianças, da mais tenra idade e até adolescentes e adultos, de mãos estendidas a pedirem um pedaço do céu, uma côdea de broa mesmo que seja dura e velha, e somos obrigados a olhar tudo isto e a pouco poder fazer, apenas no nosso pequeno mundo privado podemos e temos de dar o exemplo, o melhor que podemos e sabemos, e alertar para esta realidade que se vive hoje em dia e que certamente não é auspiciosa.

Angola, agora com estas novas premissas, está a complicar-se cada vez mais, muitos angolanos estão a perder o seu próprio espaço político, geográfico, social, ambiental e económico e o futuro que vem aí não vai ser nada fácil pois a natureza também parece estar a dar uma resposta dura às alterações climáticas que foram causadas principalmente pelas nações que um dia foram ou ainda são os chamados colonizadores, com suas economias consumistas, gananciosas e desequilibradas e estes povos ditos “colonizadores”, hoje em dia também já choram e se lamentam desesperados nos seus próprios países, nos seus quintais, nas suas casas de origem, das desgraças climáticas de hoje e de amanhã, que certamente atingirão todos os humanos, sem excepção.

Angola, neste momento, precisa de pessoas ousadas e comprometidas com um desenvolvimento sustentado, que tenham humildade, reconheçam os erros passados e presentes, de forma a permitir que a voz dos mais competentes e responsáveis sejam ouvidas para se permitir a possibilidade de um maior desenvolvimento económico, social e ambiental sustentado e real mas esta mudança

terá de nascer, principalmente, nos e dos jovens e adultos mais conscientes que sabem que seus avós lutaram e morreram pela suposta independência e desenvolvimento de sua nação, de seus filhos e netos.

Os jovens e adultos de hoje, precisam assumir uma postura mais ousada mas mais humilde, mais inteligente, mais sábia e mais aberta ao diálogo e ao escutarem ideias novas, estas ideias podem ser melhores ou não so que nas suas, devem espelham-se na coragem de seus avós e seus antecessores pois o acesso à informação hoje em dia é muito mais democrático e qualquer pessoa, no geral, pode obter mais informação e pode desenvolver sua própria consciência e assumir uma atitude mais equilibrada em prol de si e de sua nação.

Muitos jovens e adultos justificam sua indolência e seu desligar da realidade, afirmando que a culpa é dos outros, dizendo que não têm professores à altura, dizendo que o sistema não os beneficia, dizendo que não são filhos de papais ricos, etc..

Estes jovens e adultos não podem aceitar sua inércia e sua mediocridade dizendo que a culpa é dos outros pois essa atitude nega a sua própria vida, nega a sua individualidade, nega a sua autonomia, nega o seu “ser ou não ser” humano com potencial próprio de inteligência, nega a sua capacidade de construir e de se reconstruir como ser pensante e responsável, capaz de se liderar e ao colectivo a que pertence, esse é o caminho correcto e mais equilibrado, assumir-se, ser capaz de se projectar sem se desculpar com os outros. Os outros naturalmente também são responsáveis, do que está errado e do que está certo, mas a mudança fundamental está em cada individuo.

Não é seguindo em fila que se desenvolve a inteligência pois quem está atrás só pode ver no máximo o que o da frente vê. É portanto, necessário andar em linha pois assim todos têm a mesma possibilidade de ver o horizonte de cada um. O Mestre só é Mestre, só desempenhou suas responsabilidades com mestria se o discípulo o ultrapassar em conhecimento, só aí o Mestre pode ter um “feed.back” de que alcançou o âmago de seu trabalho.

Construir uma nação nunca é fácil e não se pode simplesmente ser faccioso e destruir tudo o que existe e voltar a construir tudo de novo pois há imensos pormenores passados e presentes intervenientes nessa construção ou seja, começar de novo não é o caminho mais harmonioso e apropriado. O caminho que parece ser mais equilibrado e menos conflituoso é “corrigir o que está mal e melhorar o que pode ser melhorado”, este certamente é o caminho mais sábio, no

caso de reconstruir uma nação que é uma tarefa “sui generis”.

Os jovens de hoje, adultos, precisam urgentemente de se assumirem por completo como seres humanos normais e com potencial de inteligência, seres humanos com duas pernas, com dois braços, com um cérebro, com uma família ou não, etc., pois o acesso à informação, hoje em dia, neste século XXI, é muito maior do que antes, no tempo de seus avós que tanto lutaram e até morreram ou estão a morrer porque seus netos e filhos optaram pelo conformismo e pela inércia, dizendo constantemente que a culpa e a responsabilidade é sempre dos outros. É importante falar mas é mais importante fazer pois “pensar exige esforço”.

Hoje em dia, o acesso à informação, para muitos cidadãos, jovens e adultos, é muito maior do que qualquer rei tinha há mais de trinta anos e esses reis governavam seus países e alguns até governavam muito bem.

Estes milhares e milhões de crianças angolanas e do mundo que vagueiam pelas cidades e divagam pelas ruas batendo às portas das ruas, à procura de um pedaço de carinho do céu, de uma fatia de sorriso, de um brilho no olhar adulto, de um pão, de um abrigo, de um saber que lhes permita serem mais fortes, mais conscientes, mais exigentes, mais responsáveis, querendo inconscientemente encontrar uma alma que os albergue das intempéries desta vida onde nasceram, e onde ninguém lhes perguntou se queriam ou não nascer aqui e agora, estas crianças são parte integral e profunda de nosso coração e de nossa mente e por isso este grito em nome delas. Crianças, não são responsáveis das acções não equilibradas dos adultos gananciosos ou inconscientes e são as que menos voz têm neste clamar de seus direitos, apesar delas cumprirem com seus deveres.





Por Oliveira Adão Miguel

MEMÓRIA E ESQUECIMENTO EM CONTEXTO DE PÓS-GUERRA EM ANGOLA

A discussão sobre memória em Angola é recente e nos remete a parcos autores como a historiadora Conceição Neto (2015) em a **“memória como matéria inflamável: reflexões a partir do caso angolano”** que a título individual ou mesmo colectivo vai repescando trilhos de acontecimentos passados angolanos cujos actores encontram-se em vida ou em via de extinção.

Todavia, para este texto, a discussão sempre é encaminhada junto de clássicos como Maurice Halbwachs (1990; 2004) *“em los marcos sociales de la memoria”* e *“Memória Colectiva”*; Paul Ricoeur (2000; 2014) com as obras *“Memória, história, esquecimento”* e *“Escrever história e retratar o passado”* e memoristas intermédios como é o caso de Michael Pollak (1989) em *“Memória, Esquecimento e Silêncio”*; Elizabeth Jelin, (2002) na obra *“Los trabajos de la memoria”* e o Primo LEVI (1989) com o seu *“Os naufragos e os sobreviventes”*.

As memórias dos indivíduos são portadoras da representação geral da sociedade, visão social, necessidades e valores colectivos como afirma Jelin (2002). A memória colectiva é o conjunto de representações sociais acerca do passado que cada grupo produz, institucionaliza, guarda e transmite através da interação de seus membros (Halbwachs, 1990).

Aliás, “só podemos lembrar quando é possível recuperar a posição de eventos passados nos ditames da memória colectiva” (Idem: 172). Do outro lado, o esquecimento neste texto é definido por Jelin (2002, p. 29) como “eventos traumáticos que produzem alguma incapacidade narrativa ou buracos na memória, sendo que esquecer não é ausência ou vazio, é a presença dessa ausência” o que pressupõe que no pós-guerra, as testemunhas podem ser impelidas de não mais falar sobre os eventos passados por conta da situação traumática vivida, pelo terror ou por alguma



mudança de status quo que a situação terá alcançado no passado ou no presente.

O esquecimento aparece sobretudo com a linguagem quando a fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, pode ocasionar limitações no relato.

Angola foi colonizada por cerca de quatro séculos pelos portugueses. Depois de lutas de guerrilha que terá durado 14 anos e conduzidas pelo Movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA), a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e a União pela Libertação Total de Angola (UNITA), Portugal aceitou assinar o Acordo de Alvor a 15 de Janeiro de 1975, que garantiria a Angola a conquista de sua independência a 11 de Novembro de 1975.

No entanto, o conflito entre os três movimentos foi tornando-se mais violento, tendo iniciado a Guerra Civil na

pós-independência que durou 27 anos e historicamente pode ser dividida em três períodos - de 1975 a 1991, 1992 a 1994 e 1998 a 2002 - com períodos de paz frágeis.

O saldo sobre a guerra é enorme, tendo malgrado mais de 500 mil pessoas; um milhão de deslocados internamente; devastou a infraestrutura de Angola e danificou gravemente a administração pública, a economia e as instituições religiosas do país. Destarte, o ambiente bélico fomentou traumas para quem foi alvo de torturas físicas e psicológicas, desaparecimento de familiares e fez cúmplices em circuitos amistosos ou familiares.

A historiadora Conceição Neto (2002, p. 02) argumenta que as memórias “importam conhecê-las porque são frequentemente invocadas para legitimar ou criticar atitudes e decisões, mas também porque

inevitavelmente impregnam o comportamento político dos angolanos de hoje, mesmo quando não temos consciência disso”. Os interesses actuais podem justificar a busca por uma memória em detrimento de outras memórias, fazendo emergir uma espécie de selectividade sobre o que recordar e por que recordar.

Ao entrar em contacto com testemunhas de determinados acontecimentos ocorridos durante a guerra fratricida em Angola, percebe-se que a mudança do sujeito de um grupo para outro ou a assumpção de uma responsabilidade política ou social, inverte necessariamente a lógica das suas memórias para salvaguardar os interesses vinculados a nova realidade.

Alguns eventos traumáticos sucedem gerações em longos períodos históricos. É preciso acolher a ideia de que a “memória é lembrança de uma experiência anterior que imbrica-se entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido, mesmo que absorva o esquecimento (Jelin, 2002, p.34).

No caso de Angola, os acontecimentos do 27 de Maio de 1977, o Setembro Vermelho na Jamba em 1983 e os confrontos que se seguiram ao período pós-eleitoral de 1992 imbricam as forças beligerantes (hoje partidos políticos) do antigo conflito armado nos protagonistas dos silenciamentos e esquecimentos através da construção de políticas de memórias oficiais que visam ofuscar a narrativa dos que veem de baixo e, como realça Pollak(1989, p. 15) “o esquecimento e respetivos silenciamentos aproximam-se as narrativas socialmente aceites, comemorações públicas, enquadramento social e deixam a sua marca em processos de negociação, autorizações e silêncios, no que pode e não pode ser dito, nas disjunções entre narrativas privadas e discursos públicos”.

Podemos concluir que a memória serve parâmetros próprios no seio colectivo que vai ligado à manutenção dos valores e torna-se num instrumento privilegiado de transformação social, bem como de reconciliação nacional.

Recordar não é somente interpretar no presente o já vivido, é também escolher o que vale ser recordado para salvaguardar a sobrevivência do grupo em processos de pós-guerra.

É preciso ter algum cuidado com aquilo que se vai esquecendo sobre as nossas memórias por não serem escritas e arquivadas. Os sujeitos que vivenciaram os acontecimentos e outros que tiveram a transmissão morrem a cada dia que passa e corremos o risco de nunca mais escrever sobre as zonas cinzentas da história de Angola.

Bibliografía

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Civil_Angolana. Consultado dia 04 de Junho de 2021, pelas 07h30.

Halbwachs, Maurice:

(2004) Los marcos sociales de la memoria. Venezuela: Editora Anthropos.

(1990). Memória colectiva. S. Paulo, Editora Revista dos Tribunais LTDA.

JELIN, Elizabeth (2002). Los trabajos de la memoria. Impreso en closas-orcoyen, s. l. polígono igarsa. Paracuellos de jarama (Madrid).

LEVI, Primo (1989). Os naufragos e os sobreviventes. Paris: Gallimard, Arcades.

NETO, Maria da Conceição:

(2002). Do passado para o futuro – que papel para as autoridades tradicionais? National Democratic Institute)/FES (Fundação Friedrich Ebert) Universidade Católica de Angola e ADRA-Huambo (Acção para o Desenvolvimento Rural e Ambiente).

(2015). A memória como matéria inflamável: reflexões a partir do caso angolano. V coloquio da Faculdade de Ciências Sociais: Angola, 40 anos de Independência: Memórias, identidades, cidadania e desenvolvimento.

POLLAK, Michael:

(1989). Memória, Esquecimento e Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro.

(1992). Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro.

(2010). A Gestão do indizível. Revista do instituto cultural judaico Marc Chagail.

RICOEUR, Paul:

(2014). Memória, história, esquecimento. Campinas, SP Editora da UNICAMP.

(2000)Escrever história e retratar o passado. Annales HSS, Paris.

Dados biográficos

Oliveira Adão Miguel, Licenciado em Ciências da Educação pelo ISCED-HUILA, Angola, na opção História; fez o curso de mestrado em Ensino da História da África pela mesma instituição; é doutorando em Memória: cultura e sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Atualmente trabalha em comissão de serviço como Director do colégio público nº915 no município da Matala e é colaborador das faculdades, Instituto Superior Politécnico Independente da Huíla e ISCED-Huíla, lecionando as cadeiras de Sociologia das Minorias Étnicas, Antropologia Cultural e Método de Recolha e Pesquisa Histórica. Correio electrónico: oliveiraadaomiguel@gmail.com



Por **Abednego Chivinda**

TRANSTORNOS ALIMENTARES NA ADOLESCÊNCIA

Segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde), entende-se por distúrbio ou transtorno alimentar, qualquer alteração do comportamento alimentar que pode provocar prejuízos à saúde de um indivíduo. Estas alterações podem dever-se a factores metabólicos ou psicológicos.

Normalmente, os distúrbios alimentares manifestam-se na adolescência devido às mudanças drásticas a nível físico, social e emocional que envolvem a família e ambiente escolar nesta faixa etária.

Aproximadamente 90 % dos casos diagnosticados pertencem a mulheres jovens, contudo, o número de rapazes adolescentes que sofrem desta doença tem vindo a aumentar drasticamente.

O diagnóstico precoce, assim como a terapia adequada, pode prevenir consequências futuras maiores. O acompanhamento multidisciplinar é imprescindível e abrange profissionais de várias áreas, nomeadamente psicólogos, psiquiatras e nutricionistas.

Anorexia nervosa, bulimia nervosa e obesidade são os distúrbios alimentares mais conhecidos e frequentes, embora existam muitos outros.

A anorexia nervosa é um transtorno alimentar caracterizado pela restrição persistente na ingestão de alimentos, pelo medo intenso de ganhar peso.

A bulimia nervosa é um transtorno alimentar caracterizado pelo consumo rápido e repetido de grandes quantidades de alimentos (episódios de compulsão alimentar) seguido por tentativas de compensar o excesso de alimentos consumido.

A pessoa come grandes quantidades de alimentos e depois, induz o próprio vômito, usa laxantes, faz regime, jejua ou se exercita vigorosamente para compensar.

A obesidade é caracterizada pelo excesso



de peso, geralmente, causado pelo sedentarismo e consumo exagerado de alimentos ricos em gordura e em açúcar. A sua existência gera diversos malefícios na vida da pessoa, tais como o desenvolvimento de doenças, do tipo diabetes, pressão alta, colesterol elevado, enfarte ou artrose dos ossos, além de sintomas como dificuldades para fazer esforços, indisposição e baixa auto-estima.

Os sinais e sintomas de um distúrbio alimentar podem ser silenciosos e quase imperceptíveis, daí ser fundamental que os pais estejam em estado de alerta perante possíveis alterações diárias de atitudes e maneiras de estar e agir do seu filho.

Alguns sinais e sintomas de um distúrbio alimentar podem ser:

Recusa constante em comer. Esta negação

perante certos alimentos pode indiciar uma possível alteração do comportamento alimentar, podendo chegar a consequências mais graves. Observe o seu filho e repare se essas recusas são cada vez mais frequentes.

Preocupação/obsessão pelo corpo e imagem corporal. Repare se o seu filho começa subtilmente a mudar a forma de vestir (optar por vestuário cada vez mais largo, por exemplo) ou se de repente começa a não querer olhar-se ao espelho por não gostar do que vê. É importante entender como e quando começaram estas atitudes de rejeição do próprio corpo, normalmente associadas a factores sociais e emocionais.

Episódios recorrentes de compulsão alimentar. Normalmente estas situações de voracidade alimentar são seguidas de atitudes de indução de vômito e/ou uso de fármacos como laxantes e diuréticos, de forma a tentar

“compensar” a ingestão exagerada de tantas calorias. Tenha atenção se o seu filho começa a passar muito tempo na casa de banho, fechado e imediatamente após as refeições.

Dores de garganta ou problemas de dentição. No caso da bulimia nervosa é recorrente relatarem-se casos de problemas graves do trato esofágico devido à constante indução de vômito. Os dentes também são drasticamente afectados devido à erosão provocada pelo suco gástrico dos vômitos.

Lesão da pele do dorso da mão ou calos nas mãos. A indução frequente do vômito (levar a mão à boca) provoca o aparecimento de calosidades e ulceração.

Esconder comida. Um adolescente com um distúrbio alimentar, seja ele qual for, tem a necessidade de esconder alimentos por variadas razões. No caso da anorexia nervosa ocorre esconderem alimentos e, simplesmente, nunca os ingerir. Enquanto na bulimia nervosa esses alimentos escondidos (maioritariamente hipercalóricos) são acumulados e consumidos mais tarde, de forma desmedida. Na obesidade também se verifica esta situação de esconder alimentos ou mentir/omitir o que realmente se consome ao longo do dia.

A internet actualmente é uma das responsáveis pelo aumento dos transtornos alimentares, principalmente em adolescentes. O ideal de alcançar o corpo perfeito de blogueiros fitness e fashionistas fazem a criança não aceitar o próprio corpo.

É muito importante o papel dos pais nesse caso pois eles ajudam a reforçar positivamente a imagem dos filhos e a refrear esta busca incessante pelo peso ou corpo ideal, muitas vezes inalcançável. Um comportamento tão prejudicial à saúde.

Não são poucos os casos em que a pessoa desenvolve algum tipo de transtorno alimentar. Tanto a bulimia quanto a anorexia dão os primeiros sinais ainda na infância e na adolescência, em que a auto-imagem é tão importante.

Especialistas da área ressaltam que nem sempre é fácil perceber que a criança ou o adolescente apresenta sinais de que há algo errado mas alguns comportamentos, como comer excessivamente e não engordar ou sair imediatamente após a refeição para ir para a casa de banho já pode ser um alerta de bulimia.

Já a Anorexia é mais fácil de observar porque a perda de peso é grande e visualmente percebida. Algumas meninas emagrecem tanto que param de menstruar. O tratamento inclui terapia e antidepressivos nos casos mais graves.

Já a Anorexia é mais fácil de observar porque a perda de peso é grande e visualmente percebida. Algumas meninas emagrecem tanto

que param de menstruar. O tratamento inclui terapia e antidepressivos nos casos mais graves.

O diálogo entre pais e filhos tem que ser sempre reforçado. O adolescente tem uma identificação grande com o que os pais acham bom e ao mesmo tempo são muito sensíveis a críticas. Oferecer um estilo de vida saudável em casa, sem neuroses com o corpo ou o peso, é fundamental.

Procure ajuda. Tanto a família como a escola/amigos têm o direito de se sentirem perdidos quando se deparam com um distúrbio alimentar de um adolescente. O acompanhamento psicológico é fundamental, assim como a orientação alimentar.

A adoção de hábitos alimentares saudáveis por parte da família permite ao adolescente sentir-se cada vez mais integrado e apoiado.

Desmistificar erros alimentares e explicar que não existem alimentos proibidos mas sim alimentos que devemos consumir com menor regularidade do que outros, ajudará a aproximar o seu filho de uma melhoria significativa.

Opte por investir num acompanhamento multidisciplinar em que o nutricionista será responsável por toda uma reeducação alimentar familiar.





Por Hélio Sozinho

“Lalipo Lubango” (V. Bastos), “A do Lubango Pitanaga”, (Beto Cruz), “Ombela ko Luvango yo ia...” (Nelson), “Lubango wa Fina” (?), “Ko Luvango yo mapelo” (?)

Os lubangos Parte-I

Estas e outras expressões aqui não citados, melodiam o Lubango com os seus lubangos. Cedo ou tarde, tristes ou alegres, cantaram! Estando lá ou cá...por aí mas melodiam. Embora cada um dos autores destas expressões tivesse na sua essência uma razão profunda ou ténue, manifesta ou latente, ainda assim cantaram os seus lubangos, cada um cantou como entendia o à sua maneira “lubanguearam”.

Assim compraz-me falar como eles e outros cantaram; melodias das rolas, das ondjangas, dos catuituis, das onduvas, dos cangumbes, dos ombambi, dos candimbas, dos nguluves, dos asnos transmovendo tição, dos morangos e das maçãs, dos sonidos madrugadores das quitadeiras que os lubangos pingados arrastam desde memórias secularizadas e sacramentalizadas dos reencontros dos espíritos Oluvango endiabrados num congresso já mais visto, qual Meca e Yatribi.

Antes de ousar sobrevoar sob as asas do “maisvelho” castiço, vestido de alabastrino com um mirar saudosista de Bandeira e Sá, relembro que o nosso Lubango, possui vários lubangos aceites, compreendidos, entendidos e apreciados nas múltiplas dimensões, principalmente no tradicional mês de Agosto.

Este mês atrai vários lubangos “com pranto no cotovelo nascente”, das quatro comunas, sendo engolidas pela selva de betão com os “catorzinhos da mãe grande”, incluindo as províncias que a circundam, desolvitando os lubangos alojados em outros países, que profiro.

Cada um trás o seu lubanguear, numa simbiose agostina que, acaso muitos não tenham cantarolado e proseado os lubangos que eles viram, ouviram, criaram, amaram, odiaram, gostaram, gozaram e despediram-se. Os diferentes lubangos não se limitam ao Picadeiro ou Sé Catedral. Não, não e não! São



oriundos de todas as partes do mundo, uns cosmopolitas e holísticos e outros forasteiros com nostalgia do lugar deixado e flutuando na órbita da globalização com códigos culturais novos e velhos num coro dissonante sedento em ajustar o bolso de apátridas e encher a barriga dos filhos.

Um pandemónio no palco circense, dissimulado na terra, fora ou dentro dela, os “apátridas cerebrais” que controlam as garotas mais lindas, os carros caros, as noites mais badaladas, um estilo de vida boémio sonhado em “terras alheias” agora realizado, numa osmose desanuviada nas sessões paradisíacas luxuosas, elaboradas e, como diria Pessoa, o Lubango “tem todos os sonhos do mundo”.

Alguns lubangos avançam em direcção à capela para uma reza e, num dia que não se sabe qual, vão ao encontro de um camião, conduzido por um engenheiro da plebe, acompanhado por um escrivão, uma dúzia de soldados romanos e um grupo coral de mães sofredoras cantando um hino dissonante, cuja marca não entendem, não sabem interpretar, não querem saber nem aprender.

Outros lubangos posicionam-se “na orla da exclusão e dos excluídos”: os lavadores e os controladores de carros, os transportadores de água para os prédios, as empregadas domésticas, os protectores domiciliares, as princesas que procuram nas noites agostinas a oportunidade de encontrarem os seus príncipes.

Há os lubangos das barracas, tradicionais ou modernas, sem tiques ocidentais, momentos e circunstâncias nas relações humanas. Aqui impõem-se o respeito das zonas marginais, não a lei da selva; uma música ao estilo do vendedor ou exigência dos fregueses;

Tudo sob o olhar e consentimento, da “Velha Senhora”, os lubangos felizes na sua existência ficam em expectativa saudosa aguardando as próximas festas lubanguenses no mês de Agosto.



Por Alê Borge

AS BOAS COISAS LEVAM TEMPO

E escrevo isso porque é o tempo, é imperativo que não nos deixemos levar pelo que tem acontecido na nossa terra.

É imperativo que o nosso modelo-mental (mindset) esteja forte e limpo e poderoso para que possamos ser uma boa comunidade juvenil e também bons indivíduos. Passado é passado e o futuro depende apenas do presente...

E no presente, temos investido em nós por meio do auto-desenvolvimento, busca pelo conhecimento e o cuidado da saúde através do desporto e outras práticas recomendáveis, embora ainda muitos de nós se sintam magnificados pelo uso de drogas, consumo excessivo de bebidas alcoólicas por exemplo e que sabemos que têm efeitos nocivos físicos e psicológicos.

O que podemos fazer nesta situação é aconselhar de maneira a enxergarem o perigo a que estão expostos e consequente perda de seu próprio controle.

Por outra, muitos de nós investem no seu conhecimento e que nos guia através dos nossos objetivos... evoluindo no nosso auto-emprego a criando pequenas empresas e que não é pouco mas é suficiente para mudar as nossas vidas e melhorar as nossas comunidades.

Graças ao nosso esforço contínuo temos nos tornado jovens fortes e capazes de fazer a diferença e sermos bons exemplos para os nossos amigos, familiares e principalmente para os mais pequenos.

Ainda temos muito pela frente e muitos limites para ultrapassar, não podemos desistir, devemos confiar no processo pois as grandes e boas coisas levam tempo.





Por Valdemar F. Ribeiro
& Alexia Reis Semedo



A CRIANÇA AFRICANA

Na imensidão do só no horizonte
Descalço na terra a vida é bela
Bate à porta e entra na rua
Menino que joga com bola de pano

Goleiro pra cá goleiro pra lá
Metade de uns metade de outros
Juiz não mas Pelé e Schillaci hà
Bola voando à baliza chutada
Grito de gol : Pelééé... marcou !!!
Volta ao centro o astro contente .

Sorriso de menino , diz o caminho
Mostra a estrada da rua perdida
Diz o destino da Eva no tempo
Aponta teu dedo ao sol , que diz ?

Seja eu de si pequeno
Imagem de um sol maior
Na rua de ti mostrada !

E os tambores da noite ecoam
Nas vozes do vento a vibrar
Dizendo de ti menino do mundo
Dizendo no olhar o que lhe vai
Na alma de seu calmo ardor
Nos espaços dos tempos
De seu sofrer sem pão e "Con/dor"

Dizei montes o que vedes do céu
Da flor criança em jardim de jasmims
Falai ser alado que voas alto
Da imensidão do só nas alturas

Falai criança , o que dizes ?

"as pernas grandes dos homens
Gostam de assustar meninos
Fazem guerras e não se olham
E não sabem escutar o vento
Nos castelos areados à beira-mar

Só quero brincar na terra
De deuses adultos crescidos
Com alma no sorriso do olhar
Só quero rosas , espinhos para quê ?
Só quero a paz dos humanos brincar".

Sei criança o que dizes ?



AFEGANISTÃO UM OLHAR DE CRIANÇA AFRICANA

Afganistão...um lugar onde ser cristão é pecado, ser mulher é ser escrava, ter um passaporte estrangeiro é uma passagem para a morte.

Vidas de inocentes perdidas todos os dias por seres sem coração ou escrúpulos, seres nojentos, frios e calculistas.

Um país que mal se sustentava sózinho e que se recuperava aos poucos devido a outras guerras.

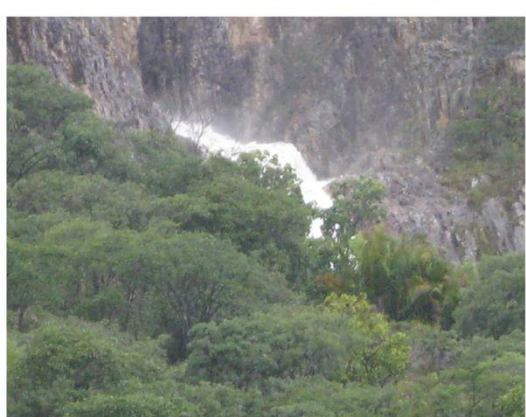
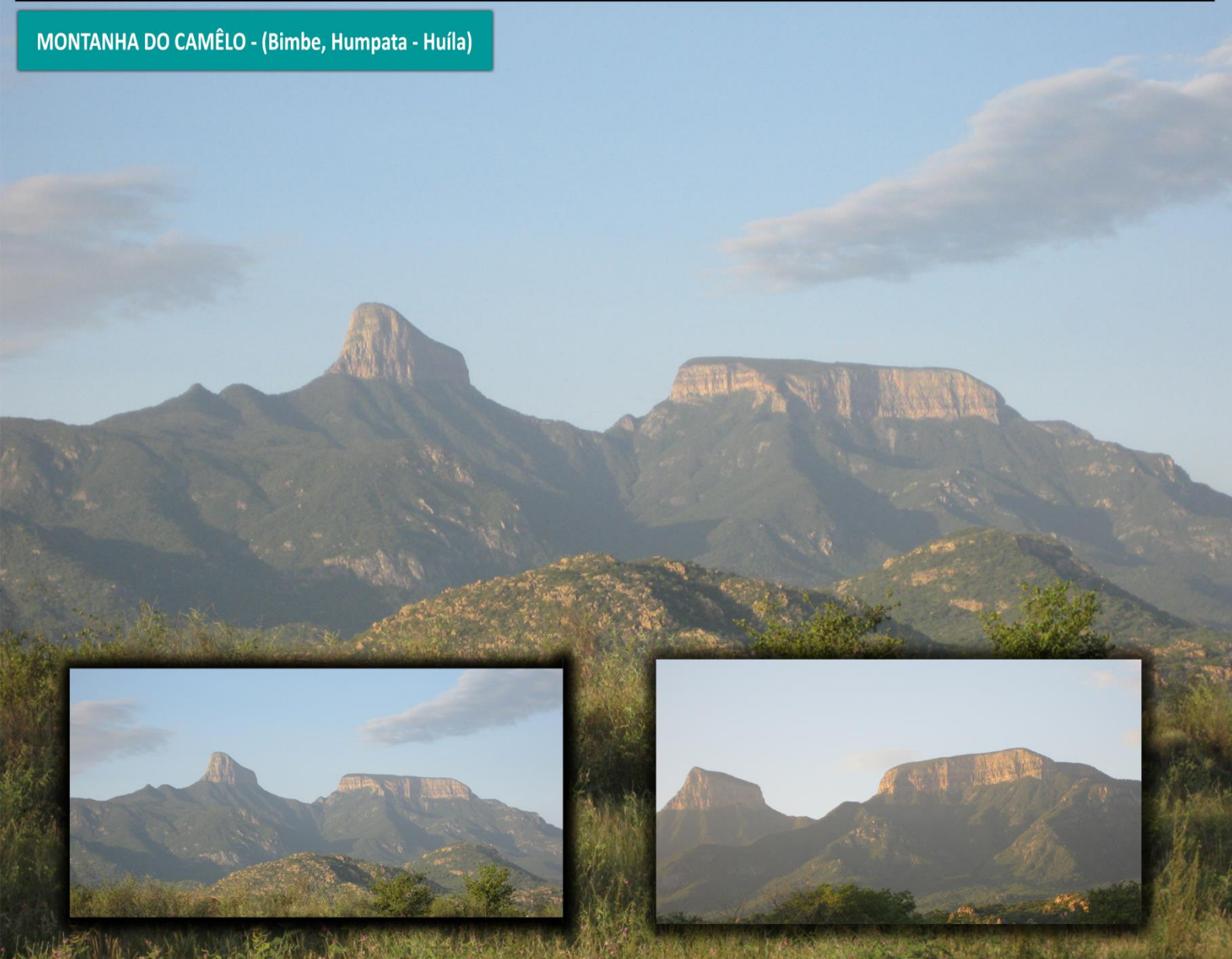
Não podemos ajudar de outra maneira se não for rezar por aquelas pessoas que tentam a todo o custo sobreviver da crueldade humana.

Dói tanto ver uma mãe desesperada a entregar seus filhos a militares e os deixarem partir para que possam sobreviver, dói saber que alguém é condenado à morte por amar o criador, dói saber que milhares de pessoas estão neste momento a chorar por aqueles que amavam.

Precisamos de paz e amor, não guerras estúpidas e desnecessárias pela necessidade de poder. CHEGA DE SANGUE INOCENTE DERRAMADO!



MONTANHA DO CAMÊLO - (Bimbe, Humpata - Huíla)



CASCATA SHANGRI-LÁ (Lubango - Huíla)



COMPLEXO ESCOLAR PRIVADO 1-2-3 LUBANGO

"OS TRÊS PRIMEIROS PASSOS DE GENTE GRANDE"

Ensino primário, primeiro e segundo ciclo do ensino secundário.

A Directora Cármen Fernanda Cardoso deu início a esse grande projecto em 1994 como uma simples explicação, isso devido algumas debilidades que alguns alunos de outras instituições apresentaram.

Evoluindo com as suas ideias, a directora viu a necessidade inadiável de dar o seu contributo na formação de quadros, fazendo assim a petição as autoridades de direito para a abertura de um colégio para o ensino particular com o nome de colégio 1-2-3.

Em 1994, face a solicitação feita pela directora, foi lhe autorizada a abertura do colégio, dando início as aulas no dia 01 de abril de 1997, no primeiro e único bloco na altura.

No dia 31 de Maio houve a inauguração oficial do colégio e finalmente em 1999 surge o despacho do sr. ministro da educação e legalização do estabelecimento de ensino.



Telefone: 222-781-799

Email: complexoescolarprivado123@gmail.com

Email: complexoescolarprivado123@hotmail.com

Site: www.colégio1-2-3.com

Secretaria: +244 923 528 237

Apoio técnico: +244 931 918 536/ +244 942 152 188